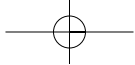


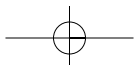
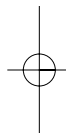
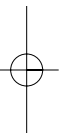
I

Mandei um moço para a câmara de gás de Huntsville. Um e só um. Fui eu que o prendi e depois testemunhei em tribunal. Fui visitá-lo duas ou três vezes. Três vezes. A última foi no dia da execução. Não era obrigado a ir, mas fui. Não me apetecia nada, garanto-vos. Ele tinha matado uma rapariguinha de catorze anos e uma coisa vos garanto, nunca tive grande vontade de o visitar, quanto mais ir à execução, mas a verdade é que fui mesmo. Os jornais disseram que tinha sido um crime passional, mas ele disse-me que a paixão não era para ali chamada. Ele namorava com aquela moça, apesar de tão novita. Tinha dezanove anos, o fulano. E disse-me que andava a planear matar alguém há imenso tempo, já nem se lembrava há quanto. Disse-me que se o libertassem voltava a fazer o mesmo. Disse-me que sabia que ia direitinho para o Inferno. Disse-me ele próprio, sem rodeios. Não sei o que pensar disto. Não sei mesmo. Fiquei com a sensação de que nunca tinha encontrado um fulano assim e dei por mim na dúvida se ele não pertencia a uma nova casta de pessoas. Vi os carrascos a prendê-lo à cadeira com as correias e a fechar a porta. Ele talvez parecesse um bocadinho nervoso, mas mais nada. Estou convencido de que ele sabia que ia entrar no Inferno daí a um quarto de hora. Estou sinceramente convencido disso. E pensei imenso no assunto. Ele não tinha modos desagradáveis nem agressivos. Tratava-me por xerife. Mas eu não sabia o que lhe havia de dizer. O que é que se diz a um homem que é o primeiro a reconhecer que não tem alma? Para quê dizer-lhe seja o que for? Fartei-me de matutar nisto. Mas ele não era nada, comparado com o que aí vinha.

Dizem que os olhos são as janelas da alma. Eu cá por mim não sei de que é que os olhos são as janelas e se calhar até prefiro não saber. Mas há uma outra maneira de ver o mundo e outros olhos para o ver e é por esse caminho que nós vamos. Eu próprio o trilhei e conduziu-me a um



lugar na minha vida que nunca imaginei chegar a conhecer. Algures por aí anda um profeta da destruição, um profeta genuíno, de carne e osso, e eu não o quero enfrentar. Sei que ele existe. Vi a obra dele. Caminhei diante daqueles olhos numa ocasião. Não o tornarei a fazer. Recuso-me a empurrar as fichas todas para o meio da mesa de jogo e levantar-me da cadeira e sair para lhe fazer frente. Não é só por estar mais velho. Quem me dera que fosse só isso. Também não posso dizer que o problema sejam os riscos que estou disposto a correr, porque eu sempre soube que, logo à partida, tinha de estar pronto a morrer para aceitar um trabalho destes. Isso sempre foi assim. Não quero dar-me ares de herói, nem nada que se pareça, mas é um facto. Caso contrário, eles percebem logo. Percebem num abrir e fechar de olhos. Tem mais a ver com aquilo em que cada um de nós está disposto a transformar-se, acho eu. E parece-me que um homem teria de arriscar a alma. E isso é que eu nunca farei. Tenho agora a impressão de que nada nem ninguém me levaria a correr esse risco.



O auxiliar do xerife deixou Chigurh parado no canto da esquadra, de mãos algemadas atrás das costas, depois sentou-se na cadeira giratória e tirou o chapéu e pôs os pés em cima da secretária e ligou para o telefone portátil de Lamar.

Acabei de chegar. Ele trazia um aparelhómetro qualquer às costas, xerife, parecido com uma daquelas botijas de oxigénio para o enfisema, ou coisa do género. Depois tinha um tubo de borracha por dentro da manga, com a ponta ligada a uma daquelas pistolas pneumáticas, como as que se usam nos matadouros. Sim, xerife. Sim, pelo menos é o que parece. Pode ver a engenhoca quando cá chegar. Claro. Tapei-a com um oleado. Certo, xerife.

Quando se levantou da cadeira, soltou as chaves do cinto e destrancou a gaveta da secretária para tirar de lá as chaves do calabouço. Estava ligeiramente curvado para diante quando Chigurh se acorou e passou as mãos algemadas por baixo do corpo até as encostar à concavidade por trás dos joelhos. No mesmo movimento, sentou-se no chão e baloiçou o corpo para trás e passou a corrente das algemas por baixo dos pés e depois ergueu-se logo, sem o mais pequeno esforço. Dir-se-ia que exercitara muitas vezes aquele movimento, e assim era, de facto. Passou as mãos algemadas por cima da cabeça do auxiliar e deu um salto, elevando-se bem acima do chão, projectou os dois joelhos espetados contra a nuca do homem e puxou a corrente com toda a força.

Tombaram os dois. O auxiliar tentava enfiar as mãos por dentro da corrente, mas sem conseguir. Chigurh ficou ali deitado, a puxar para si as argolas metálicas, de joelhos enfiados entre os braços e rosto desviado para o lado. O auxiliar debatia-se violentamente e começou a descrever círculos pelo chão, de viés, derrubou o cesto de papéis e deu um pontapé na cadeira, fazendo-a rolar para o outro extremo da sala. Desferiu um pontapé na porta, fechando-a, enrolou o pequeno tapete num chumaço em volta de ambos. Gorgolejava e sangrava da boca. Estava a ficar sufocado no próprio sangue. Chigurh limitou-se a puxar ainda com mais

força. As algemas niqueladas mordiam-lhe a carne, feriam-no até ao osso. A carótida direita do auxiliar rebentou e um jacto de sangue cruzou a divisão e esparrinhou a parede e escorreu por ela abaixo. As pernas do homem abrandaram, depois permaneceram inertes. Ficou ali no chão, percorrido por espasmos. Depois imobilizou-se por completo. Chigurh respirava lentamente, sem o soltar. Quando se levantou, tirou-lhe as chaves do cinto e libertou-se das algemas e entalou o revólver do morto no cóis das calças e entrou na casa de banho.

Deixou correr água fria sobre os pulsos até pararem de sangrar e, com os dentes, rasgou tiras de uma toalha de mãos e depois usou-as para ligar os pulsos e tornou a entrar na sala. Sentou-se no tampo da secretária e prendeu as tiras da toalha com bocados de fita adesiva que foi retirando de um desenrolador, enquanto perscrutava o morto que, de boca aberta, fitava o tecto. Concluída a tarefa, tirou a carteira do bolso do auxiliar e retirou de lá o dinheiro e guardou-o no bolso da camisa e deixou cair a carteira no chão. Depois pegou na botija de gás e na pistola pneumática e cruzou a porta e entrou no carro do auxiliar e ligou o motor e fez marcha-atrás e saiu do parque de estacionamento e rolou pela rua acima.

Já na interestadual, escolheu um Ford de quatro portas de um modelo recente onde ia apenas o condutor e fez-lhe sinais de luzes e ligou a se-
reia durante breves segundos. O carro encostou à berma. Chigurh parou atrás e desligou o motor e pôs ao ombro a alça da botija e saiu do automóvel. O homem observou-o pelo retrovisor enquanto ele se aproximava.

Há algum problema, senhor agente? perguntou.

Importa-se de sair do veículo, se faz favor?

O homem abriu a porta e saiu. O que é que se passa? perguntou.

Afaste-se do veículo, se faz favor.

O homem obedeceu. Chigurh viu a dúvida a invadir-lhe o olhar ante aquela figura suja de sangue na sua frente, mas era demasiado tarde. Pôs a mão na cabeça do homem, qual pregador que se apresta para fazer uma cura pela fé. O sibilar pneumático, conjugado com o estalido do êmbolo, soou como uma porta a fechar-se. O homem deslizou silenciosamente para o chão, com um buraco redondo na testa por onde o sangue borbulhou e lhe escorreu para os olhos, levando consigo o cortejo de imagens daquele ser humano, o mundo a dissociar-se aos poucos da consciência. Chigurh limpou a mão com o lenço. Só não queria que su-
jasses o carro com sangue, disse.

Moss estava sentado, com os tacões das botas enterrados na grossa areia vulcânica da crista, a examinar o deserto abaixo de si com uns binóculos alemães de ampliação doze. Chapéu empurrado para a nuca. Cotovelos apoiados nos joelhos. A arma presa a tiracolo com uma bandoleira de cabedal macio era uma espingarda de cano pesado, calibre .270, com culatra Mauser 98 e coronha laminada de bordo e nogueira, equipada com uma mira telescópica Unertl da mesma potência dos binóculos. Os antílopes estavam a pouco menos de um quilómetro e meio de distância. O Sol nascera há menos de uma hora e as sombras da crista e das folhas de *datilla* e dos pedregulhos tombavam, longuíssimas, sobre a planície de aluvião a seus pés. Algures no meio delas estava a sombra do próprio Moss. Baixou os binóculos e ficou sentado, a contemplar as cercanias. Lá longe, para sul, as montanhas agrestes do México. As gargantas do rio. A oeste, a extensão de terracota cozida das planuras fronteiriças. Moss cuspiu uma saliva seca e limpou a boca ao ombro da camisa grosseira de algodão.

A espingarda tinha uma precisão de meio minuto de ângulo. Permitia realizar agrupamentos de treze centímetros a novecentos metros de distância. O local que ele escolhera para disparar, na base de um longo talude de cascalho de lava, situava-se, sem margem para dúvidas, abaixo desse limite. Só que ia levar quase uma hora a alcançá-lo e os antílopes estavam a pastar na direcção contrária à sua. Do mal o menos, não soprava vento.

Quando chegou ao sopé do talude, ergueu-se devagar e procurou os antílopes com os olhos. Os animais não se tinham afastado muito do lugar onde os vira pela última vez, mas ainda teria de os alvejar a uns bons seiscentos e cinquenta metros. Examinou-os pelos binóculos, através das densas nuvens de pó e da distorção causada pelo calor. Uma névoa baixa e cintilante de poeira e pólen. Não havia outro obstáculo natural que lhe pudesse servir de abrigo e aquela ia ser a única oportunidade de atirar sobre os bichos.